

# Ciência e Religião: A Polémica Darwinista em Hong Kong e em Macau

CELINA VEIGA DE OLIVEIRA\*

**RESUMO:** Em 1880, a comemoração do tricentenário da morte de Luís de Camões pela comunidade portuguesa de Macau residente em Hong Kong evocou o maior poeta da cultura portuguesa e reforçou a sua ligação a Macau, onde a tradição sustenta que escreveu partes do seu poema épico *Os Lusíadas*. Momento de afirmação identitária vivido no Club Lusitano, este evento contou com um elaborado e vasto programa, hoje conhecido através de *Memória dos Festejos*, publicação que registou o evoluir das comemorações e as intervenções que foram proferidas. Uma dessas intervenções, anónima, escrita em castelhano e intitulada "Un Admirador", aproveitou o ensejo de homenagem ao vate lusitano para tecer considerações contra as novas tendências da ciência, espoletadas pelas pesquisas científicas do naturalista inglês Charles Darwin e pela sua célebre obra *A Origem das Espécies*. Duas personalidades macaenses de grande prestígio em Hong Kong, Policarpo António da Costa e Lourenço Pereira Marques, escreveram textos em que defendiam as ideias darwinistas, contrapondo os seus argumentos aos do autor anónimo. Em 1881, o cónego português António de Vasconcelos produziu na Sé de Macau um sermão, na Páscoa, cujo conteúdo espoletou a resposta dos dois macaenses. Os textos que escreveram são a confirmação de que a cultura e as correntes científicas do século XIX não eram factores estranhos a muitos elementos da comunidade macaense em Hong Kong.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tricentenário; Camões; Darwin; Evolução; Ciência; Religião.

## Introdução

No ano de 2019, uma dupla efeméride sobre o grande naturalista inglês Charles Darwin mereceu atenção: os 210 anos do seu nascimento e os 160 anos da primeira edição da sua obra *Sobre a Origem das Espécies Por Meio da Selecção Natural, ou a Conservação*

\*Licenciada em História pela Universidade de Coimbra. Autora de vários ensaios sobre História de Macau, publicou as seguintes obras: *Camilo Pessanha, o Jurista e o Homem; Macau - Uma História Cultural; Carlos D'Assumpção - Um Homem de Valor*. Comendadora da Ordem de Santiago de Espada. Vice-presidente da Comissão Asiática da Sociedade de Geografia de Lisboa.

*BA Hons in History by the University of Coimbra. Researcher and author of several essays on Macao's History, she published the books: Camilo Pessanha, o Jurista e o Homem; Macau - Uma História Cultural; Carlos D'Assumpção - Um Homem de Valor. Com-mandeer of the Order of Santiago de Espada. Vice-president of the Asian Comission of the Geographical Society of Lisbon.*

*das Raças Favorecidas na Luta pela Existência*, universalmente conhecida por *A Origem das Espécies*.<sup>1</sup>

O que trazia esta obra de novo e de útil à ciência? Em traços largos, Charles Darwin desenvolveu uma teoria, que incluía cinco pontos fundamentais, complementares uns dos outros, e com os quais delineou uma ideia aproximada da história da vida no nosso planeta.

Segundo Diego Gándara,<sup>2</sup> esses pontos eram os seguintes:

– A mudança permanente, que estabelecia que o mundo, e com ele os organismos, estava continuamente a sofrer alterações.

– A origem comum, que postulava que cada grupo de organismos provinha de um mesmo antecessor e, por consequência, que existia uma origem única para todos os seres vivos.

– A diversificação das espécies, que explicava como se produzia a enorme diversidade dos seres vivos.

– O gradualismo, que propunha mudanças graduais nas populações para o aparecimento de novas espécies.

– A selecção natural, um mecanismo de reprodução diferencial que favorecia os melhor adaptados ao meio ambiente.

Esta teoria revolucionou o mundo científico.

No seu livro *Sob o Céu da China* (no original, *Today and Forever. Stories of China*),<sup>3</sup> Pearl Buck, a escritora americana e Prémio Nobel da Literatura em 1938, que viveu na China durante a infância e a juventude, relata uma conversa de um pai com uma filha, chineses, que ilustra bem a fronteira entre ciência e religião:

*O pai levantou-se e, bamboleando até a uma estante, tirou um livro encadernado e disse:*

*– Li-o há muitos anos.*

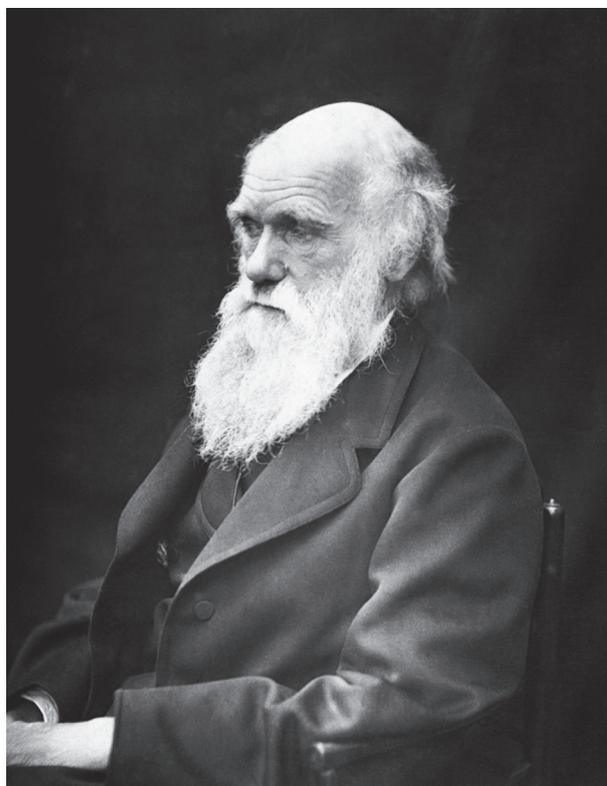
*Com grande espanto, Molly, a filha, percebeu que era uma tradução de A Origem das Espécies, de Darwin. Nunca imaginara que o pai lesse outras coisas que não fossem odes e romances antigos.*

*– Tua mãe que fique com os deuses. Tu e eu não precisamos deles.*

*Entre ambos estabeleceu-se nessa altura como que uma ponte de compreensão.*

Pearl Buck espelha neste conto a separação entre ciência, irmanada com o progresso, e religião, identificada com os valores da tradição.

Esta questão foi o tema escolhido por D. José Policarpo,<sup>4</sup> então cardeal-patriarca, em Abril de 2009, para a homilia de Páscoa na Sé de Lisboa, intitulada



Charles Darwin (1809–1882), nos últimos anos de vida. Fotografia de Julia M. Cameron.

“Igreja versus Darwin – é possível a convergência na busca da verdade”. Nesse ano assinalavam-se os 150 anos da primeira edição do célebre livro de Darwin.

Nessa homilia, marcada por profunda preparação intelectual, abertura e inteligência, o patriarca recordou que, na incessante procura da compreensão da longa caminhada da vida, sempre tinham convergido religiões, filosofias, diversos saberes e, mais recentemente, a ciência, que adquirira uma importância particular, na medida em que pretendia desvendar o sentido definitivo do Universo. A publicação de *A Origem das Espécies* colocara em questão pontos fundamentais da compreensão cristã da Criação. Negando a existência de um Deus criador nessa origem, e não sendo a natureza obra de um criador, era necessária para a sua compreensão, não a Bíblia, mas a ciência. Por outras palavras, a narração bíblica da Criação era posta em causa. A revolução darwiniana gerara em alguns um

## ESTUDOS DE MACAU



António Policarpo da Costa

positivismo científico que levava ao agnosticismo e mesmo ao ateísmo. A contínua intervenção de Deus era excluída. Mas tanto os darwinistas, como a maneira católica de lhes responder, tinham partido de uma leitura do texto bíblico não pretendida pelo seu autor espiritual.

A Bíblia, concluía D. José Policarpo, era um texto simbólico, uma revelação do sentido profundo da Criação e da vida e não uma narração do modo como tudo tinha acontecido. Essa era a perspectiva própria da ciência. Contudo, a Igreja não podia abdicar de um diálogo com a ciência e de uma possível convergência na busca da verdade, nem continuar a distinguir os campos da ciência e da fé como planos que nunca se encontravam.<sup>5</sup>

As suas considerações reflectiam a preocupação de repartir responsabilidades sobre os efeitos que as pesquisas científicas oitocentistas e as respostas dos seus opositores tinham trazido ao debate religioso.

### O Tricentenário da Morte de Camões em Hong Kong (1880)

A comunidade portuguesa residente em Hong Kong comemorou, a 10 de Junho de 1880, o tricentenário da morte de Luís de Camões. O propósito era claro: enaltecer patriótica e literariamente o épico, expoente máximo da poesia e símbolo da pátria longínqua, reforçar o espírito identitário da comunidade e testemunhar o seu elevado nível cultural.

José Luiz de Selavisa Alves, um dos directores do Club Lusitano, teve conhecimento, *pelos jornaes do reino*, da intenção da cidade do Porto festejar o grande épico. De imediato propôs a adopção *d'essa ideia patriotica* aos seus colegas na directoria e aos membros da comissão financeira do Club. Os gerentes da Biblioteca Lusitana associaram-se ao movimento e a comunidade portuguesa da colónia britânica foi convidada a deliberar sobre a *maneira mais conveniente de se levar a effeito o pensamento* e a nomear uma comissão *ad hoc*. Em reunião pública no Club, elegeu-se a comissão do tricentenário que ficou autorizada a formular o programa.<sup>6</sup> O descerramento do busto de Camões, por Lourenço Pereira Marques, um sarau literário e musical, e a iluminação a gás do edifício do Club Lusitano seriam os pontos fortes da comemoração.

A circunstância de ter surgido nas águas de Hong Kong, em fins de Maio de 1880, a corveta brasileira *Vital d'Oliveira*, que transportava a embaixada do Brasil que se dirigia em missão diplomática à corte de Pequim, proporcionou um inesperado entusiasmo às comemorações. Embora o ministro F. Callado tivesse partido para o norte da China, várias individualidades brasileiras<sup>7</sup> estiveram presentes, alargando-se deste modo o âmbito da celebração do poeta ao império do Brasil. O comandante da corveta ofereceu a banda de música para a festividade *que tanto interessava aos brasileiros como aos portugueses*. O hino brasileiro foi tocado quando o Almirante Silveira da Motta e o Comandante Júlio Cesar de Noronha entraram no recinto do Club Lusitano.

Da colónia britânica marcaram presença o governador de Hong Kong, Sir John Pope-Hennessy,<sup>8</sup> acompanhado do oficial às ordens, capitão J. J. Francis, do corpo de voluntários da colónia e de E. L. O'Malley, procurador régio, tendo a banda tocado o hino nacional inglês à sua chegada. Estiveram igualmente presentes individualidades políticas, diplomáticas, profissionais e jornalísticas.<sup>9</sup>

O busto do poeta foi descerrado por uma criança do sexo feminino, que fazia parte de um cortejo infantil simbolizando as ninfas do Tejo. Policarpo António da Costa proferiu o discurso de abertura, referindo a circunstância feliz de serem *os macaenses a terem a dita de possuir em nossa patria a gruta em que o sublime épico compoz o padrão das glórias portuguesas*. Ouviu-se o hino português, findo o qual tomou a palavra Lourenço Pereira Marques, que, em nome do seu pai, ofereceu ao Club Lusitano *o busto do principe dos poetas portugueses, (...) que tem para nós um grande valor intrínseco, por ser o primeiro que se fundiu em Lisboa sob a direcção do habil escultor Bordalo Pinheiro, e pelo desvelo do Exmo. Sr. Carlos José Caldeira e do Sr. Visconde de Juromenha*.



Lourenço Pereira Marques

O presidente da comissão agradeceu a *preciosa oferta*, que ficaria exposta na Sala Luís de Camões, assim designada para perpetuar, na prestigiada instituição, a *memoria gloriosa do grande épico e a comemoração d'esta noite festiva*.

O vasto programa, que incluiu também a execução de peças de música clássica, canto, poesia, teatro, leitura de trechos de obras estrangeiras relativas a Camões, discursos e conferências em português e em inglês, prolongou-se por grande parte da noite.<sup>10</sup>

A publicação de *Memoria dos Festejos Celebrados em Hongkong por Occasião do Tricentenário do Principe dos Poetas Portuguezes Luiz de Camões*,<sup>11</sup> obra que registou todo o processo evocativo, ficou a cargo de Policarpo António da Costa, membro do Club Lusitano, sócio correspondente da Sociedade de Geografia de Lisboa, cavaleiro da Ordem de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Conceição de Vila Viçosa, membro da Sociedade de Geografia e Antropologia de Estocolmo e secretário da Hongkong, Canton & Macao Steamboat Co.<sup>12</sup>

Sir John Pope-Hennessy solicitou posteriormente a José António dos Remédios, presidente da Comissão do Tricentenário e figura grada naquela colónia, um exemplar de *Memoria dos Festejos*. Era sua intenção enviá-lo ao Conde de Kimberley, ministro britânico das Colónias, para evidenciar perante o governo inglês a valia da comunidade portuguesa de Hong Kong. Outras personalidades seguiram o seu exemplo, solicitando exemplares da edição, como Frederico Degenser, sócio correspondente da Sociedade de Antropologia e Geografia de Estocolmo, que também pretendia oferecer um exemplar àquela instituição científica.

### Polémica Darwinista em Hong Kong

No processo de compilação das intervenções, Policarpo da Costa deparou-se com um artigo anónimo, em língua castelhana, subscrito por “Un Admirador”.

## ESTUDOS DE MACAU

Não podendo estar presente devido à sua partida para a Europa antes da data da comemoração, pretendia o autor enaltecer *el illustre Vate lusitano que llenó el mundo com su nombre*. Considerou seu dever deixar algumas reflexões e aproveitar a oportunidade para fazer um protesto eterno contra as correntes materialistas da época, que tendiam a extinguir sobre a terra a divina raça dos génios e a buscar nos monos e nas plantas a génese de Homeros e Virgílios.

As comemorações eram oportunas, na medida em que permitiam cobrir de opróbio e de vergonha os modernos corifeus da matéria. Ao contrário do que divulgava Darwin e os seus seguidores, era necessário admitir no homem um princípio de vida e de pensamento que não brotava da matéria, mas do alto, como inspiração do Criador. Só esta verdade podia explicar a imaginação sublime do fantasma do mar<sup>13</sup> pelo Vate lusitano, quando criou esse génio das tempestades para amedrontar e impedir a passagem dos ousados navegadores portugueses. Essa criação única do seu poderoso *númen* seria suficiente para provar que a inspiração camoniana provinha dos anjos e nunca de um sátiro ridículo.

Policarpo António da Costa inseriu o artigo na publicação, não deixando de afirmar que o Club



Sé Catedral. Macau. Ca. 1900.

Lusitano não se identificava com os protestos nele exarados; pelo contrário, repudiava a diatribe contra Charles Darwin e seus seguidores.

*A Memória dos Festejos* foi editada.

Posteriormente, o jornal *Catholic Register* tornou público um artigo contra o darwinismo e as observações de Policarpo da Costa, o que levou Policarpo da Costa a solicitar ao jornal *China Mail* um espaço no seu periódico para responder ao reverendo Padre Fonseca, reitor da Universidade de Manila, e autor de um texto sob o *nom de plume* “Un admirador”, com algumas palavras em defesa da causa da ciência. Ficava assim quebrado o anonimato.

Trinta e três dias depois, o *Catholic Register* insistiu num texto do mesmo teor. A resposta veio com a publicação de *Defeza do Darwinismo: Refutação d’um artigo do Jornal «Catholic Register»* (1880), em que Policarpo da Costa rebatia longamente o seu conteúdo.

*Defeza do Darwinismo*, que começava com uma epígrafe de advertência de Filinto Elísio<sup>14</sup> – “a verdade, como as crianças, não vem ao mundo sem dor” –, dizia o seguinte, e em resumo:

O debate sobre as causas do conflito entre teologia e ciência explicava-se porque toda a suposta revelação sobrenatural não tolerava contradição. Os defensores desta posição procuravam, através da instrução da juventude, sufocar o desenvolvimento do espírito humano, impedir o progresso. Mas os apóstolos da ciência também tinham direito a lutar pelos seus princípios. Os que não aceitavam a tese de Darwin contrapunham as tradições dos Padres da Igreja e o consenso humano, autoridade pouco fidedigna, porque durante milénios se acreditara que o Sol gravitava à volta da Terra. As Sagradas Escrituras eram boas para o ensino da moral, mas não poderiam ser aceites como autoridade em matéria de ciência. Os teólogos tiveram de se curvar perante a evidência da teoria de Copérnico, aduzida pela viagem de Fernão de Magalhães e pelas descobertas

de Galileu e de Newton, e compelidos a admitir que a Terra era apenas um dos planetas – e não um dos maiores – que giravam à volta do Sol.

A verdade não vingava por imposição, mas pela inteligência, compreensão e conhecimento. No século ‘da ciência’, era necessário mudar mentalidades e acabar com ideias profundamente enraizadas.

A mais inequívoca prova da importância de Darwin era a quantidade de edições que *A Origem das Espécies* já tivera desde o seu aparecimento em Novembro de 1859:

- seis edições inglesas;
- quatro americanas;
- cinco alemãs;
- quatro francesas;
- três russas;
- uma sueca;
- uma holandesa;
- uma italiana;
- nenhuma castelhana ou portuguesa, o que não abonava a favor do progresso científico dos povos ibéricos.

Policarpo da Costa anexou ao seu texto uma carta de Lourenço Pereira Marques, médico anatomista de grande reputação científica e literária em Hong Kong, pertencente a uma das mais distintas famílias de Macau e, como ele, sócio correspondente da Sociedade de Geografia de Lisboa.<sup>15</sup>

O intuito em associar a carta à sua publicação era evidente: credibilizar o conteúdo do seu artigo com a opinião de uma personalidade de indiscutível prestígio e aceitação social, como o prova a opinião que dele deixou expressa em *Defeza do Darwinismo*:

*O Sr. Dr. Marques é um espirito superior. Não presta culto a sordidos interesses, mas sim a nobres aspirações. Não se curva a caprichos de animos apoucados, mas caminha desassombrado na pesquisa dos principios, das leis, da ordem das cousas que o rodeiam.*



Edifício do Club Lusitano de Hong Kong, Shelley Street, 1869. Imagem cortesia do Club Lusitano de Hong Kong.

Lourenço Pereira Marques conhecia o artigo do *Catholic Register*, onde se depreciavam *os fundadores da ciência moderna*. Afirmou não poder ficar em silêncio, embora não fosse seu *desejo ofender os virtuosos missionarios catolicos da colonia*. Mas admitiu que a teoria evolucionista era a sua filosofia, ideia delineada ainda no tempo em que estudara no colégio jesuíta de Campolide em Lisboa, desenvolvida em crença na Universidade de Dublin, onde se licenciara em Medicina, e em convicção, com o decorrer do tempo e das observações.

Pereira Marques afirmou que as grandes conquistas nas ciências resultavam muitas vezes de conflitos de doutrinas. A teoria da evolução era, porém, a mais simples e conforme com a sabedoria do Criador. Esta teoria fora prevista por grandes pensadores no começo do século XIX, mas devia-se a Charles Darwin e a Alfred Wallace (que se embrenhara nas florestas dos arquipélagos da Malásia para estudar a natureza) o mérito de a ter firmado em bases sólidas.

Não estava, no entanto, ao alcance de todos poder avaliar a força das induções de Darwin, porque era preciso ter conhecimento científico e nem todas as verdades se provavam facilmente.

E terminou, apelando às novas gerações para que desenvolvessem e aperfeiçoassem a inteligência, dedicando-se à contemplação e aos estudos da Natureza. Através deste método tinham sido feitas inesperadas descobertas no século.

## ESTUDOS DE MACAU

E, a propósito, referiu Goethe, o poeta-filósofo, que fizera também incursões pela ciência e que deixara a todos este conselho:

*Quando contemplores a Natureza,  
Observa cada um e todos os detalhes:  
Nada é inútil fora, nada é inútil dentro,  
Porque ela está dentro de fora e fora de dentro.*<sup>16</sup>

L. Pereira Marques, Outubro 25, 1880.

**Polémica Darwinista em Macau**

No ano seguinte, durante a época pascal, esta controvérsia reacendeu-se em Macau, envolvendo os dois sócios correspondentes da Sociedade de Geografia de Lisboa e o cónego António Maria Augusto de Vasconcelos.

Como habitualmente, portugueses e chineses cristãos cumpriam o ritual litúrgico da Quaresma, assistindo à missa nas igrejas da cidade e ouvindo a homília, que era sempre objecto de um maior cuidado expositivo na quadra em que se celebrava a Paixão de Cristo. No dia 6 de Março de 1881, primeiro domingo da Quaresma, o sermão da Sé de Macau esteve a cargo do cónego António Maria Augusto de Vasconcelos, que se definia a si mesmo como formado em *Theologia Pela Universidade de Coimbra, Cavalleiro Nas Ordens Militares de N. S. da Conceição de Villa Viçosa e N. S. Jesus Christo, Conego Capitular da Mesma Cathedral, Vogal e Delegado do Conselho Inspector da Instrução Publica D'esta Cidade, etc., Macau, Doutor em teologia pela Universidade de Coimbra.*

Segundo o historiador Monsenhor Manuel Teixeira, o cónego chegara a Macau em 1862, para ser professor da Escola Macaense, instituição de ensino fundada graças à iniciativa do visconde do Cercal, Alexandrino António de Melo, que assim pretendia responder ao abandono em que se achava a instrução pública da cidade. Nesse ano, completava-se um século sobre a aplicação em Macau do decreto pombalino da

expulsão dos Jesuítas, que produzira uma estagnação cultural que era necessário colmatar. Nomeado cónego em 1865, António de Vasconcelos já antes de o ser usava meias vermelhas, facto que lhe mereceu uma repreensão pela autoridade eclesiástica.

Considerando que o conteúdo do seu Sermão merecia ter uma amplitude maior, não ficando circunscrito aos fiéis presentes na missa pascal, o cónego resolveu publicá-lo. Dedicou-o ao visconde de Paço d'Arcos, Carlos Eugénio Corrêa da Silva, ex-governador de Macau, de quem tinha sido capelão,<sup>17</sup> e justificou a publicação pelo interesse manifestado por um grande número de *cavalleiros* de Macau e de Hong Kong, que se ofereceram, inclusivamente, para pagar os custos da impressão.

Para epígrafe, António de Vasconcelos escolheu a frase do evangelho de S. Mateus: *Não só de pão vive o homem, mas de toda a palavra que provém da boca de Deus.* Comparou os tempos de outrora, de felicidade para a religião e para os crentes, em que era fácil a missão do orador, e os do momento, com agressões às crenças católicas, atacadas e tratadas sem o respeito que mereciam. Não se viviam já os horrores dos martírios dos primórdios do Cristianismo, mas vivia-se uma outra guerra, mais perigosa, mais cruel e mais fatal, uma guerra de ideias, que partira do seio da própria Igreja, dos seus filhos, e que ameaçava desordenar as fileiras católicas. E qual o veículo dessa guerra de ideias? A imprensa, um *invento maravilhoso*, destinado, na sua essência, à propagação da verdade. Mas a imprensa tinha várias faces e uma delas era a imprensa ímpia, irreligiosa, usada muitas vezes para difundir o erro. Se os bons livros conduziam os leitores ao caminho da verdade, os maus desviavam-nos desse caminho. Era o que tinha sucedido com um *panfleto heretico e impio*, chamado *Defeza do Darwinismo*, que tinha circulado por Macau, procurando destruir subrepticamente os fundamentos da fé. O panfleto afirmava que a criação do homem por Deus era uma fábula. Num raciocínio indutivo, se Deus não criou o homem, não houve pecado original; por conseguinte, não poderia

ter havido redenção; sem redenção, não teria existido Jesus Cristo; assim, o que seriam a sua divindade, os seus milagres, a sua ressurreição? Se fossem uma fábula, o homem não seria mais do que pura matéria, o que negaria a imortalidade da alma. E sem ela, não haveria salvação e, por consequência, vida eterna. Esta indução lógica conduziria ao cúmulo da descrença, ao desaparecimento do Cristianismo. O conteúdo do panfleto aviltava o homem, a obra mais perfeita do Criador, roubava-lhe a sua origem, quase divina, para a fazer proceder, pelo princípio da evolução, de animais de outra espécie, como o chimpanzé e o gorila. Para os darwinistas, tal procedência constituía uma honra, um triunfo, mas para os bons cristãos era uma afronta e uma injúria a Deus, Criador de todos os homens.

Admitindo-se o princípio evolucionista, ou seja, a força motora pela qual uma raça se transformava em outra raça no decurso de milhares de anos, a entidade que se chamava homem teria forçosamente, pelo efeito da evolução, de se transformar em outra raça, ou em outra espécie, sofrendo consideráveis modificações. Um exemplo: se o homem procedia do orangotango, tendo esta raça chegado a aperfeiçoar-se a ponto de constituir-se a actual entidade ou espécie, então a raça humana, continuando a desenvolver-se e a aperfeiçoar-se pelo mesmo princípio de evolução, teria de sofrer, igualmente, outras modificações, que lhe dariam, no final de milhares de séculos, uma configuração diferente. Se o homem tinha dois pés e duas mãos, poderiam os vindouros, nesse processo contínuo de evolução, vir a ter — *quem sabe!* — quatro ou mais, passando por metamorfoses que nem Darwin nem os seus seguidores alguma vez tinham conjecturado.

Era de acreditar na possibilidade de finalmente se poder acabar, em questões de agilidade, com a inferioridade do homem em relação a alguns animais, porque poderia sonhar vir a ter um dia asas... *É um sarcasmo, que confesso ser impróprio deste lugar, mas (...) é a resposta mais adequada para tais inépcias e tão crassos absurdos.*

Os darwinistas rejeitavam a autoridade das Sagradas Escrituras em matéria de ciência, mas afirmavam o seu contributo para o ensino da moral, o que era um contrassenso, porque a moral de Cristo baseava-se na fé, que os darwinistas não tinham; na esperança, mas os darwinistas não acreditavam na vida eterna; no amor ao próximo, que faltava aos darwinistas, porque, de contrário, não lhe matariam as crenças, a tranquilidade e a alegria.

E terminou o seu longo sermão afirmando que os darwinistas eram dominados pelo espírito de celebridade e de orgulho, e exortando os cristãos a continuarem a amar a religião dos seus pais.

*21 de Abril de 1881.*

A notícia do *Sermão* do cónego António de Vasconcelos propalou-se rapidamente pela colónia



Membros fundadores do Club Lusitano de Hong Kong, Shelley Street, 1866-1920. Imagem cortesia do Club Lusitano de Hong Kong.

ESTUDOS DE MACAU

britânica, provocando alguma agitação. Policarpo da Costa teve conhecimento de que o seu artigo fora aniquilado na homilia e de que o sermão iria ser publicado.<sup>18</sup>

Quando teve oportunidade de o ler, Policarpo da Costa respondeu com a publicação de *Análise do Sermão*.<sup>19</sup> O tom mudou completamente em relação à *Defeza do Darwinismo*. Em vez de uma abordagem pedagógica e científica, como a anterior tinha sido, a *Análise do Sermão* é um texto de confronto e de ataque, carregado de ironia, com o intuito de abalar a imagem do cónego conimbricense. Porquê tanto zelo, perguntava. A miragem de uma mitra? Ou o espírito de celebridade com que acusava os darwinistas?

O orador, inspirado pelo amor de Deus e da humanidade, deveria ter usado argumentos

ponderosos e factos irrecusáveis para sustentar o monogenismo da espécie humana, mas a realidade fora outra: *sarcasmos, sofismas e declamações banais*, que nunca deveriam ter sido proferidas no púlpito como resposta a uma tese científica.

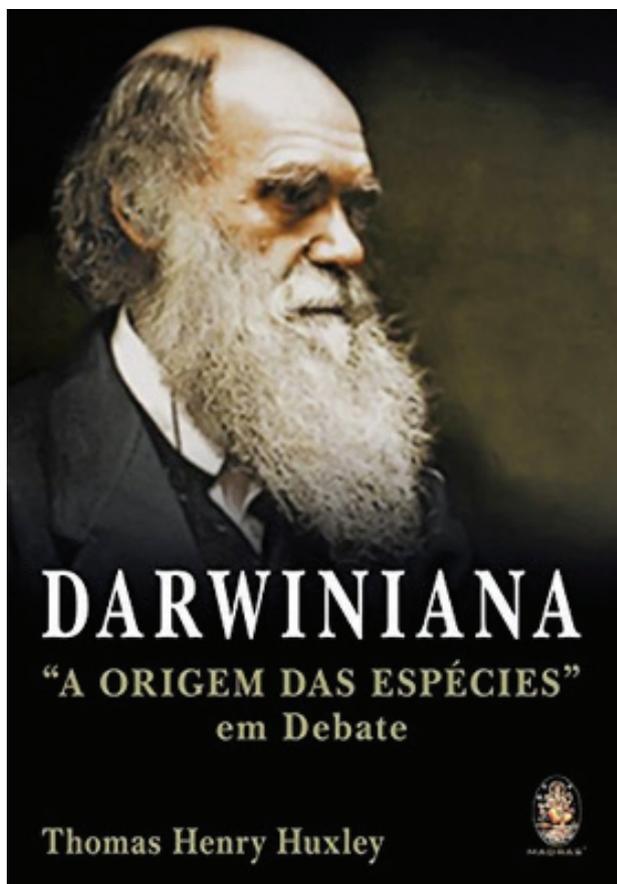
Policarpo afirmou que nunca tivera intenção de abalar as crenças populares. A *Análise do Sermão* destinava-se a pessoas esclarecidas, capazes de apreciar uma opinião teórica. Estava, por isso, decidido a pôr fim a uma controvérsia em que se digladiavam temas histórica e socialmente sensíveis, e personalidades de oposta formação cultural, porque, não obstante o título imponente do autor do *Sermão*, o discurso era paupérrimo em matéria de fundamentação teórica. O estudo da natureza revelava a majestade e a grandeza do Criador e a imutabilidade das leis eternas que regiam o Universo. Nunca afirmara que o darwinismo roubava ao homem a sua origem divina; pelo contrário, restabelecia-a. A boa filosofia não podia aceitar, pelo absurdo, a criação especial e súbita do homem do limo da terra. A síntese da evolução desmentia essa criação especial e estabelecia incontestavelmente que o homem era o resultado de transformações lentas e graduais de formas pré-existentis.

E concluía que os darwinistas aceitavam ser os herdeiros da revolução que, na linguagem de Latino Coelho (1825-1891), o século XVIII legara ao século XIX: revolução no pensamento filosófico, revolução nas ideias, nos costumes, nas crenças, nas tradições.

Por isso, Policarpo da Costa deixou ao cónego conimbricense um conselho: que limitasse as prédicas aos jubileus, às indulgências, à vida dos Santos e a outros assuntos de devoção católica e não dissertasse em matérias filosóficas ou históricas em que não era versado.

A julgar pelo silêncio subsequente, o conselho foi acolhido pelo cónego.

No ano seguinte, Lourenço Pereira Marques



publicou em Hong Kong o livro *A Validade do Darwinismo*, uma obra muito extensa, com conteúdos extremamente relevantes para a História da Ciência.

– Capítulo I: Causa da hostilidade à ciência. A Bíblia e a Ciência. Muitos teólogos eminentes favoráveis às teorias modernas. Necessidade da religião demonstrada pela ciência;

– Capítulo II: Em que consistem as espécies? Será estéril o produto do cruzamento de animais e de plantas da mesma espécie? Fenómeno de hibridismo;

– Capítulo III: Variedade, suas causas e leis. A selecção segundo Darwin. *Mimery* ou o arremedo. Órgãos rudimentares e homólogos. As transmissões hereditárias e a adaptação;

– Capítulo IV: As objecções contra o darwinismo. Mais provas em prol dele. O darwinismo em relação à religião natural. Prova fundamental da solidez de uma teoria;

– Capítulo V: Os monstros na opinião dos antigos e à luz da ciência moderna. Os fenómenos da monstruosidade inteligíveis na teoria darwiniana;

– Capítulo VI: A evolução, e por consequência o darwinismo, são dedução lógica das descobertas modernas;

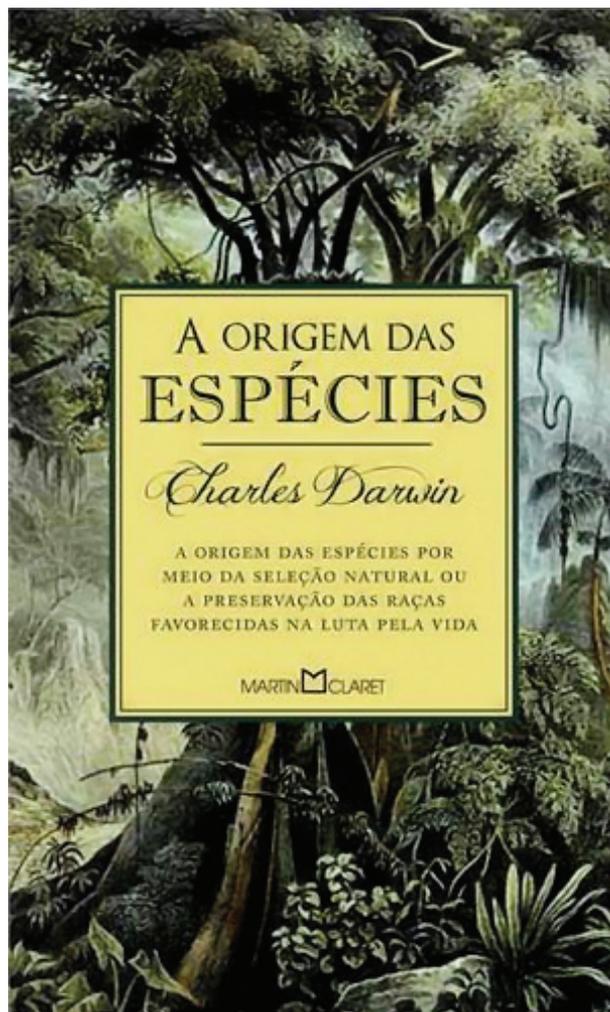
– Capítulo VII: O progresso pela ciência.<sup>20</sup>

Pereira Marques considerou que, quando se renassem as discussões tempestuosas, naquele momento inevitáveis em consequência do *conflito da ignorância e do orgulho*, como caracterizou a opinião do cónego, ver-se-ia então que a nova doutrina proclamava bem alto a existência de um ente supremo sapientíssimo.

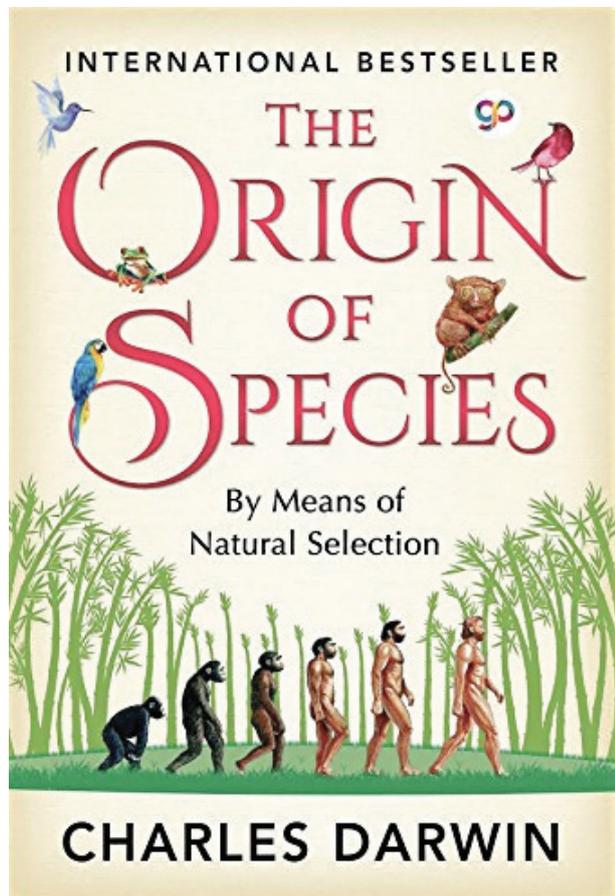
### Considerações Finais

De um propósito nobre e potenciador de afirmação identitária da comunidade portuguesa de Hong Kong, como foi o que esteve na origem das celebrações do tricentenário da morte de

Luís de Camões, surgiu inesperadamente uma controvérsia que fez correr tinta. Tanto Lourenço Pereira Marques como Policarpo António da Costa eram personalidades identificadas com o progresso científico que caracterizou o século de Oitocentos. Bastava esta circunstância, testemunhada pelo profundo conhecimento que tinham dos cientistas e das suas obras de ciência, para se concluir que pertenciam a um estrato culto da sociedade. Hong Kong, apesar de ser à época uma colónia com escassas décadas de existência, era um dos mais fervilhantes centros financeiros mundiais, onde uma burguesia de negócios, culta e patriótica, não deixava



## ESTUDOS DE MACAU



de divulgar o contributo de Inglaterra para o progresso da Humanidade. E Charles Darwin era inglês.

Os artigos *Defeza do Darwinismo* e *Carta e A Validade do Darwinismo*, de Policarpo António da Costa e de Lourenço Pereira Marques, respectivamente, apresentam uma característica comum: o intuito de transmitir e de explicar as novas ideias científicas que iam surgindo – conceitos que revolucionaram o século, mas que poderiam provocar incredulidade, frustração e receio por porem em causa ensinamentos bem escorados na tradição familiar e na cultura cristã da época. A verdade tinha de ser aceite pela compreensão e pela inteligência, procurando entender o sentido das Escrituras e o ritmo do tempo e da história, como defendeu D. José Po-

licarpo tantos anos depois. Este conceito é sobretudo evidente nos textos de Lourenço Pereira Marques, homem viajado, culto, com uma profunda e actualizada preparação científica e cultural. Por isso, o tom dos seus escritos é científico e informativo, acreditando que era este o método mais adequado para dar peso ao que considerava ser o lado certo da questão.

O mesmo não se passa com *Análise do Sermão*, de Policarpo António da Costa, que se revelou um texto de confronto, com a intenção de desvalorizar a personalidade do cónego católico, insinuando que a publicação do *Sermão* resultara de um propósito de exaltação pessoal do autor e investivando-o pelo recurso a argumentos que se colocavam do lado oposto da racionalidade e da cultura científica. Com efeito, a ironia usada para sustentar a contra-argumentação, o tom apologético e intransigente na defesa da posição da igreja sobre o Cristianismo (à época, praticamente universal), a negação em considerar dignas de reflexão, e muito menos de aceitação, as teses de Darwin, que obrigavam a repensar a origem da vida, foram as armas usadas por António de Vasconcelos no *Sermão*, confiante de que a sua formação teológica (doutor, formado pela Faculdade de Teologia de Coimbra), lhe dava autoridade para se espriar por questões doutrinárias.

Em Macau, terra pequena, onde a vida em certos bairros da cidade cristã não comportava *misterios ou mesmo segredos*, como dizia Camilo Pessanha,<sup>21</sup> a polémica surgiu com o sermão pascal (o mesmo sucedeu em Hong Kong com o artigo “Un Admirador”), cuja publicação proporcionou ao seu autor uma efémera visibilidade.

Mas, numa comunidade maioritariamente católica, este momento de confronto de ideias passou como um tufão de grau pouco intenso, não abalando a estrutura religiosa e ideológica da Cidade do Nome de Deus. **RC**

## NOTAS

- 1 *C. Darwin, Vida, Pensamento e Obra*, Col. Grandes Pensadores, ed. Planeta De Agostini, S. A., exclusiva para o Jornal *Público*, p. 4, 2008. <https://viveraciencia.wordpress.com/2009/04/13/igrejavsdarwin/>
- 2 Diego Gándara, Darwin PENSAMENTO, in *C. Darwin, Vida, Pensamento e Obra*, p. 68.
- 3 Pearl Buck, conto “O tigre” do livro *Sob o Céu da China*, título do original *Today and Forever*, Editorial Minerva, 1.ª edição, Lisboa 1948, tradução do inglês de Cabral do Nascimento, 123.
- 4 D. José Policarpo (1936-2014), cardeal português e patriarca de Lisboa entre 1999 e 2013.
- 5 Extracto da homilia proferida na vigília pascal na Sé de Lisboa, em Abril de 2009: *Igreja vs Darwin: é possível a “convergência na busca da verdade”*.
- 6 Constituição da comissão: José Luiz de Selavisa Alves, João Miguel Sebastião Alves, Luciano Fortunato de Carvalho, Marcos António de Carvalho, José Philippe da Costa, Polycarpo António da Costa, Carlos Danenberg, José António dos Remédios, Jerónimo Miguel dos Remédios e Marcos Calixto do Rozario. Presidente da Comissão: José António dos Remédios; secretário: José Philippe da Costa.
- 7 Estiveram presentes o Almirante Silveira da Motta e a sua comitiva, o Capitão de fragata Júlio César de Noronha (comandante), a oficialidade da corveta e o *distinto* jornalista Elycio Mendes.
- 8 Sir John Pope-Hennessy (1834-1891) foi governador da colónia britânica entre 1877 e 1882.
- 9 Membros do Conselho Legislativo de Hong Kong, como W. Keswick, P. Ryrie, E. L. O’malley, e Ng Achoy; Cônsules: de Portugal (José da Silva Loureiro), do Brasil (Agostinho Guilherme Romano), dos Estados Unidos (Coronel Mosby) e do Brasil em Macau (Barão do Cercal). Redactores: R. C. Wilcox, do jornal *Daily Press*, e G. M. Bain, do jornal *China Mail*. Entre muitas individualidades profissionais, destaque para o cirurgião-mor da colónia britânica, Dr Ayres, macaense.
- 10 Programma: PARTE I: 1.º OVERTURA executada pela banda da corveta brasileira “Vital d’Oliveira”; 2.º Discurso preliminar, pelo Snr. P. A. da Costa; 3.º Apresentação do Busto de Luiz de Camões ao Club Lusitano, pelo Snr. Dr. L. Pereira Marques; 4.º Leitura de trechos de obras estrangeiras relativas a Camões. Discurso sobre a importância do estudo da lingua materna, pelo Snr. P. A. da Costa; 5.º OVERTURA — “Egmont.” BEETHOVEN. Piano a 8 mãos, executada pela Snra. D. Maria Augusta do Rozario e pelos Snrs. C. Danenberg, R. S. Pinto, e A. A. Cordeiro; 6.º EPISÓDIO DO ADAMASTOR, recitado pelo Snr. João M. S. Alves; 7.º CANTO - “Luiz de Camões.” DE PALMEIRIM, música de FRONDONI, pelos Snrs R. S. Pinto, e H. do Rozario.
- PARTE II: 8.º Camões como patriota e as causas que influenciaram no desenvolvimento do seu genio poetico, Discurso pelo Snr. Dr. L. Pereira Marques. 9.º GALOPE - “Capriccia”. P. FUMAGALLI, Piano a 8 mãos, executado pelas Snras. D. Maria F. dos Remédios, D. Otilia M. da Costa, D. Hortensia L. dos Remédios, e D. Maria Pia Fidelis da Costa; 10.º Episódio de D. Inez de Castro, recitado pela Snra D. Maria Antónia da Costa Marques; 11.º Aria Variada, Violino. DE Beriot, executada pelo Snr. R. S. Pinto; 12.º Rememoração de alguns factos da vida de Luiz de Camões, Discurso pelo Snr. José M. V. de Figueiredo; 13.º OVERTURA - “Ruy Blas”. MENDELSSOHN, Piano a 8 mãos, executada pela Snra. D. Maria Augusta do Rozario, e pelos Snrs. C. Danenberg, R. S. Pinto, e A. A. Cordeiro; 14.º A CAMÕES: Poesia de A. A. Soares de Passos, Recitada pelo Snr. L. de Lemos Barretto.
- 11 Impressa na Typographia de De Souza e Ca., 1880.
- 12 Em *Familias Macaenses*, de Jorge Forjaz (Vol. I, 850-851), lê-se o seguinte: N. em Macau (St.º António?) a 19.1.1837 e fal. numa explosão a bordo do barco “Yotsai”, à saída de Hong Kong, em viagem para Macau, a 24.2.1884. Secretário da “Hongkong, Canton & Macao Steamboat Co.” em Hong Kong. Era cavaleiro da Ordem de N.ª Sr.ª da Conceição de Vila Viçosa (decreto de 20.9.1883) e membro da Sociedade de Geografia e Antropologia de Estocolmo (Sociedade de Antropologia e Geografia de Estocolmo).
- 13 Alusão ao Adamastor de *Os Lusíadas*.
- 14 Filinto Elísio (1734-1819), sacerdote, poeta, tradutor, neoclássico, de ideias liberais, professor de latim da Marquesa de Alorna. Perseguido pela inquisição, fugiu para Paris, onde morreu.
- 15 A sua fabulosa biblioteca, perdida ou roubada, e por ele oferecida ao Clube de Macau, revela-nos um espírito erudito verdadeiramente enciclopedista. Dela, resta apenas um Catálogo minuciosamente elaborado, com 180 páginas, registando 4204 livros, sendo a esmagadora maioria em língua inglesa.
- 16 Goethe (1749-1832), escritor e pensador alemão, que também fez incursões pela ciência. Este poema é da sua obra, *Epirrhena*, de 1821, traduzido a partir da tradução inglesa. No original em alemão: *Musset im Naturbetrachten / Immer eins wie Alles achten. / Nichts ist drinnen, Nichts ist draussen, / Denn was innen, das ist aussen*.
- 17 A Sua Excellencia o Senhor CARLOS EUGÉNIO CORRÊA DA SILVA, Visconde de Paço d’Arcos, Do conselho de Sua Magestade Fidelissima, Ex-Ministro Plenipotenciario junto ás cortes de Siam, Japão e China, Capitão de Fragata da Armada Real, Commendador e Cavalleiro de varias Ordens, etc., etc., etc. O. D. Em testemunho de respeito. O AUCTOR.

## ESTUDOS DE MACAU

- 18 A editora Kelly & Walsh, de Hong Kong, publicitou a sua venda a 50 avos por exemplar.
- 19 *Análise do Sermão Pregado pelo Reverendíssimo Senhor António Maria Augusto de Vasconcellos, Bacharel Formado em Theologia pela Universidade de Coimbra, etc., etc., na Sé Cathedral de Macau em 6 de Março de 1881*, Hongkong.
- 20 A grafia foi actualizada.
21. Celina Veiga de Oliveira, *Camilo Pessanha, o Jurista e o Homem*, Instituto Português do Oriente/Instituto Cultural de Macau, Macau, 1993, 294.

## BIBLIOGRAFIA

---

- Buck, Pearl. *Sob o Céu da China*, Editorial Minerva, 1.ª ed., Lisboa, 1948.
- Costa, Policarpo António da. *Defeza do Darwinismo: Refutação d'um Artigo do Jornal "Catholic Register"*, Hongkong, na Typographia do (ilegível) e Ca., 1880.
- Costa, Policarpo António da. *Análise do Sermão Pregado pelo Reverendíssimo Senhor António Maria Augusto de Vasconcellos, Bacharel Formado em Theologia pela Universidade de Coimbra, etc, etc, etc, na Sé Cathedral de Macau em 6 de Março de 1881*, Hongkong.
- Forjaz, Jorge. *Famílias Macaenses*, Fundação Oriente / Instituto Cultural de Macau, Macau, 1996.
- Gándara, Diego. *C. Darwin - Vida, Pensamento e Obra*. Edição exclusiva para o jornal "Público", 2008.
- Marques, Lourenço Pereira. Carta datada de 25 de Outubro de 1880 e inserta em *Defeza do Darwinismo: Refutação d'um Artigo do Jornal "Catholic Register"*, Hongkong, na Typographia do (ilegível) e Ca., 1880.
- Marques, Lourenço Pereira. *A Validade do Darwinismo*, International Printing Office, Hongkong, 1882.
- Memoria dos Festejos Celebrados em Hongkong por Occasião do Tricentenario do Principe dos Poetas Portuguezes Luiz de Camões*. Hongkong: Na typographia de De Sousa e Ca., 1880.
- Policarpo, D. José. "Igreja versus Darwin: é possível a convergência na busca da verdade"- in *Agência Ecclesia*. 12 Abril, 2009.
- Vasconcellos, António Maria Augusto de. *Sermão Pregado da Sé Cathedral de Macau, no Primeiro Domingo de Quaresma em 6 de Março de 1881, no qual são refutados alguns pontos do systema darwiniano, com referencia ao homem e á religião catholica*, Macau, Typographia Mercantil, 1881.

